

Debate
Polifonía e interculturalidade.
O Bem Viver desde a diversidade de vozes das mujeres.

Atualmente se vive no mundo uma profunda crise que inclui os aspectos financeiros, econômicos, ambientais, sociais, entre outros. A América Latina não escapa dessa situação, pelo contrário, como conseqüência desta situação mundial, torna mais aguda ainda suas desigualdades. A história tem demonstrado que a concepção de desenvolvimento, entendido como modernização e crescimento econômico, é reducionista e funcional do capitalismo, gerando assim, pobreza para muitos/as e riqueza para poucos/as. Isto acontece entre países (desenvolvidos/subdesenvolvidos), classes sociais (ricos/pobres) raças e etnias (indígenas/afrodescendentes/brancos/as, etc.) e gêneros (homens/mulheres). Para contestar esta concepção, há anos têm surgido novas formas de entender o desenvolvimento, que coloca em foco a qualidade de vida das pessoas e as necessidades humanas.

No marco da crise de civilização hegemônica, diversos movimentos e sujeitos/as têm avançado no diálogo e mútuo enriquecimento entre paradigmas alternativos em torno de eixos essenciais de convivência humana e de todas as demais formas de vida. Neste debate, em que os povos indígenas começam a ter protagonismo, passando da resistência e do protesto, a uma etapa de propostas e reconstituição de alternativas civilizatórias frente a crise da modernidade/colonialidade. Nesta direção muitas iniciativas apontam na criação de espaços de diálogo e interação entre os movimentos de povos originários com outros movimentos sociais que consideram que não só “outro” mundo (homogêneo) senão que vários “outros mundos” (diversos) são possíveis.

Os espaços de convergência surgem não só do debate filosófico, mas, sobretudo, a partir das lutas de resistência concretas, que habitam aprendizagens e construções teóricas.

Neste sentido, na região, vem sendo cobrado com muita força o debate sobre o paradigma do **Bem Viver/Viver Bem**, como opção alternativa ao sistema hegemônico prevalecente.

O **Bem Viver/Viver Bem** tem como premissa fundamental a desmercantilização da vida, retomando a cosmovisão dos povos originários, que promulgam a harmonia com a natureza, a paz e o equilíbrio social.

Trata-se de promover sociedades que aprofundam a qualidade democrática e ampliem seus espaços de incidência em condições de igualdade social e material. Para isto, se faz imprescindível a necessidade de eliminar as desigualdades que produzem dominação, opressão e subordinação entre as pessoas, criando cenários que fomentem a paridade, emancipação, autonomia e autorealização das mesmas, baseada na solidariedade, ao

mutuo reconhecimento e o respeito à diversidade. Este postulado propõe uma ruptura radical com as visões utilitárias e instrumentais que o capitalismo tem desenvolvido sobre as pessoas, na vida em sociedade e reprodução social, entre outras coisas.

A concepção do **Bem Viver/Viver Bem** recorre à idéia de comunidade, sustentando que o mundo não pode ser entendido desde o “eu” do ocidente, senão desde a interação e complementaridade de todas as pessoas que habitam essa comunidade e por sua vez, a relação entre as pessoas e a natureza.

Alguns princípios estabelecidos no conceito de **Bem Viver/Viver Bem** são: a unidade na diversidade; assegurar que cada pessoa e comunidade possam efetivamente eleger a vida que desejam viver; promover a igualdade, integração e coesão social; o cumprimento dos Direitos Humanos e a potencialização das capacidades humanas; a relação harmônica com a natureza; o desenvolvimento de uma convivência solidária e cooperativa; o desfrute de um trabalho e ócio libertadores; reconstrução do público como parte fundamental do desenvolvimento das sociedades; a geração de uma democracia representativa, participativa e deliberativa; a criação de Estados democráticos, pluralistas e laicos.

Este impulso por um deslocamento de paradigma na realidade Latinoamericana desafia os movimentos sociais no geral e as feministas no particular. O movimento feminista é um instrumento fundamental para enriquecer este paradigma do Bem Viver, porque como diz a Betânia Avila, “não é o movimento que requisita, que centraliza e que define modelos para seguir. Pelo contrário, é um movimento que se abre, se expande às vezes de forma contundente (...). É “um movimento que quer reinventar e a radicalizar a democracia política e a democracia social”. O feminismo pode ser definido então como uma busca para deslocar e questionar os modelos dados, porque estes geram - ou pode gerar a discriminação, as desigualdades e a negação dos direitos para as mulheres.

As problemáticas e reivindicações específicas das mulheres foram historicamente invisibilizadas ao interior do que se consideram como problemas gerais, neutros ou dos povos. Os movimentos/s feminista/s lutou para incidir frente aos governos e tornar visível nas sociedades as necessidades e os interesses das mulheres e a permanente discriminação e violência da qual elas têm sido objeto.

Neste sentido, as mulheres indígenas, desde diferentes organizações, têm lutado para reivindicar seus direitos e para construir às relações mais equitativas entre homens e mulheres dentro de suas comunidades e com suas cosmovisões particulares. Isto, gerou a resistência dentro do próprio movimento indígena, o que denota que os postulados patriarcais estão, também, presentes nestas culturas.

Torna-se imprescindível, no contexto atual, que o movimento amplo e polifônico de mulheres interpele, proponha e analise os princípios e conceitos do paradigma do **Bem Viver**, de maneira a assegurar a efetiva incorporação dos interesses, das demandas e dos direitos das mulheres nos fundamentos do novo paradigma em questão.

A fim realizar este exercício é necessário gerar um espaço do debate, reflexão, reconhecimento mútuo onde o se trabalhe o respeito à diversidade cultural no interior do movimento de mulheres e feminista Latinoamericano. Por isso razão falamos de polifonia, porque não deve haver um único feminismo (hegemônico), e sim muitos; tantos quantos as identidades que são geradas entre as mulheres: indígenas, afrodescendentes, urbanas, rurais, da floresta, brancas, lesbianas, etc.

Neste sentido, diferentes lideranças e acadêmicos tem lembrado as dificuldades existentes entre os movimentos de mulheres indígenas e “dos feminismos urbanos” para obter os espaços de diálogo e sínteses que permitam conformar uma frente intercultural de luta e incidência. O etnocentrismo não permite, muitas vezes, o reconhecimento mútuo entre as mulheres

No desejo de imaginar uma frente unificada de mulheres contra o “patriarcado”, muitas análises feministas têm negado as especificidades históricas das relações de gênero nas culturas ocidentais. Desta maneira, é importante retomar a crítica que algumas feministas negras fazem ao feminismo radical e liberal norteamericano por apresentar uma visão hegemônica da mulher, sem reconhecer que o gênero se constrói de diversas maneiras em diferentes contextos históricos. Desde outros lugares de fala, de outras experiências sociais, de outras dores e marcas, as mulheres negras interpelam, questionam, denunciam o feminismo branco e propõem um o caminho da descolonização do pensamento e da ação política que supere o lugar de “outra” atribuído naturalmente.

O surgimento de “outros” feminismos, gerou novas oportunidades de intercâmbio e enriquecimento para a construção de um feminismo diverso, onde intervenha a classe, a etnia, porque já não é um sujeito único, homogêneo, já que as mulheres têm pertencimentos diversos, de etnias, de classe, regionalidade, religiosa, etc. E todas devem ser tomadas em conta e incorporadas.

As mulheres indígenas, negras, pobres, rurais, lesbianas, tem reconstruído a visão universal do feminismo e aportam visões que permitem a visibilizar a articulação entre o sistema de dominação sexo-gênero e outros sistemas do dominação, como classe, raça, etnia, heteronormatividade, etc.

Para a descolonização do pensamento feminismo implica trabalhar com alianças híbridas, multiclassistas, transnacionais, para potencializar um movimento de transformação que possa contrarestar com organização, solidariedade e fortaleça a dramática incidência do capitalismo neoliberal na vida das mulheres, principalmente do sul.

Frente ao etnocentrismo do feminismo ocidental dominante, as vozes e as experiências de mulheres excluídas empurram de diversas frentes para que o projeto intelectual e político do feminismo se descolonialize, se democratize e consigam cria alianças necessárias para apoiar processos de transformação para todas as mulheres. Não se trata de “adicionar

cores”, mas sim mudar os pressupostos, visibilizar mecanismos de sujeição e apostar em formas de articulação entre o universal e o particular conquistar mudanças significativas.

Perguntas

Sobre polifonia e interculturalidade feminista:

Que tensões aparecem entre as distintas expressões ou correntes dos movimentos de mulheres e feminista?

Quais são as oportunidades e os principais desafios para tentar construir ou reconstruir discursos e práticas políticas feministas descolonizadoras no novo cenário da América Latina ?

Sobre o debate do Bem Viver/Viver Bem:

Que visões podemos aportar desde os movimentos de mulheres e feministas ao paradigma do bem Viver/Viver Bem?

Quais são os princípios deste paradigma que favorecem a igualdade de gênero e os direitos das mulheres ?

Que demandas, propostas, interesses e necessidades teremos que incorporar ao paradigma do Bem Viver/Viver Bem para que os direitos das mulheres e a igualdade de gênero sejam efetivamente incluídos em seus postulados.

Qual o benefício deste paradigma para a autorealização, autonomia e emancipação das mulheres?